

ENFRENTANDO TEMPOS INCERTOS: MEMÓRIAS DE PROFESSORES SOBRE OS DESAFIOS DOS PRIMEIROS ANOS DE DOCÊNCIA

Bianca Alencar Nogueira¹, Poliana Martins Marinho Barros¹

¹Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFT.

Resumo: Para que haja uma evolução na sociedade atual, é necessário que ela perpassa pela educação. Logo, não é possível pensar em uma educação transformadora sem levar em conta os profissionais que atuam nela, como os professores. Pesquisas revelam que o período mais crucial e decisivo para essa profissão tão importante é o início, quando o professor colide com muitos desafios e dilemas que são determinantes para o seu futuro profissional. O objetivo deste trabalho foi refletir a respeito dos desafios que o professor em início de carreira enfrenta a partir do momento que ele passa da condição de aluno e se torna um professor. Essa reflexão leva em consideração que estamos vivenciando uma dura realidade educacional, em que o papel do professor como agente transformador da sociedade vai muito além de ensinar conteúdos para os seus alunos. A metodologia adotada para o alcance desse objetivo caminha pela abordagem qualitativa e teve como método a história oral. Os sujeitos da pesquisa são professoras que estão nos seus primeiros anos de profissão e que saíram agora da graduação. Para alcançar o objetivo pretendido, foram utilizadas entrevistas com um roteiro pré-elaborado com perguntas abertas. No cerne das discussões levantadas, procurou-se trazer considerações com o objetivo de contribuir para as reflexões a respeito das dificuldades enfrentadas pelos professores no início das suas carreiras com o intuito de contribuir com o professor e sua prática docente. Os principais autores que serviram de aporte para o estudo foram Cunha (2006, 2010), Libâneo (2001), Pimenta (2006), Savater (2012), Tardif (2002), entre outros.

Palavras-chave: Profissão Docente; Início de carreira; História oral

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo complexo, heterogêneo e subjetivo, em constante construção e reconstrução da existência humana, em que a sociedade atual se apresenta com princípios, convicções e opiniões alterados em função das transformações ocorridas na sociedade em diferentes fases do processo histórico da vida humana ao longo dos anos.

Nesse cenário incerto, o professor se encontra diante de uma realidade plural e repleta de dificuldades e desafios durante todo o percurso na sua carreira de docente. Tal inconstância nessa trajetória é mais acentuada no início da carreira docente, pois é um período caracterizado pela busca da sua identidade como professor, além das novas experimentações e muitos desafios e aprendizados.

De acordo com Tardif (2002), “o início da carreira docente é acompanhado também de uma fase crítica, pois é a partir das certezas e da experiência prática que os professores julgam sua formação universitária anterior”. No momento em que os professores se deparam com a realidade da escola e da sala de aula, conseguem visualizar melhor a realidade educacional, que é muito diferente do que eles aprenderam na universidade, o que pode provocar um desapontamento e uma vontade de abandonar a profissão logo no seu início.

No âmago dos problemas enfrentados no início, os professores encontram-se em meio às dificuldades de lidar com a inconsistência da sociedade contemporânea que hora precisa de um

profissional que tenha uma concepção crítica e reflexiva do mundo ao seu redor, e hora favorece uma competição entre os indivíduos.

Cunha (1998, p. 131) vai além e diz que os professores, além dos desafios da sala de aula, “[...]vivem constantes tensões que contrapõem movimentos distintos e, às vezes, até opostos, sendo às vezes heróis e outras vezes vítima”. Travam, assim, um constante debate pessoal entre ser racional ou intuitivo, ser rigoroso ou amoroso, ser responsável pelo fracasso ou culpar os estudantes por seus resultados, vivendo dilemas cotidianos para os quais nem sempre têm as melhores respostas.

Enfim, faz-se necessário uma reflexão sobre o processo de iniciação profissional do professor uma vez que esse profissional está diante de novos desafios em sua tarefa de educar principalmente ao se propor contribuir para a transformação da sociedade atual em uma sociedade mais solidária, mais ética e mais humana. Assim, de acordo com Moraes (2014, p. 41),

É educar para que se reestabeleça a aliança entre a mente e o coração, para que cada um, em sua existência, consiga percorrer o mais longo dos caminhos, ou seja, aquele que vai da mente ao coração. É educar para compreender o espírito que nele habita, preservando sua liberdade e responsabilidade, valorizando suas intuições, desenvolvendo sua autoestima, construindo sua autonomia e possibilidade de autoria, reconhecendo a amorosidade presente em sua humanidade.

Desse modo, com base nas questões apontadas, objetiva-se neste artigo realizar o levantamento do que se conhece acerca dos desafios enfrentados pelo professor em início de carreira que sai da graduação e tem sua primeira experiência profissional, a partir das pesquisas já publicadas sobre essa temática. Parte-se do pressuposto que estamos vivenciando uma realidade educacional complexa, plural e imprevisível visto que a prática profissional vai além de ensinar determinadas disciplinas e conteúdos para os seus alunos, ela compreende também a responsabilidade pelo processo de desenvolvimento reflexivo e autônomo do ser humano.

Para alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa buscou-se a metodologia da história oral temática, que possibilitou a escuta da trajetória profissional das docentes participantes desta pesquisa. De acordo Thompson (1992 p. 17) a história oral pode dar grande contribuição e relevância para o resgate da memória nacional [...]. “É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”.

Para isso, serão apresentadas algumas ideias acerca da iniciação da profissão docente, de como se deu a escolha pela profissão e como foi feita essa transição da condição de aluno para professor, além de levantarmos os principais desafios nos primeiros anos da carreira docente, período este que é considerado como o mais difícil e crítico em toda a sua trajetória profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO/ESTADO DA ARTE

Já se tornou comum afirmar que houve aumento das pesquisas relacionadas aos professores e da atenção dispensada e eles nas últimas décadas. Nesse contexto, o tema tem-se destacado em vários estudos como Gatti e Barroso (2009), Tardif (2002, 2014), Moraes (2014), Cunha (2006) e Pádua (2016), entre outros, em uma tentativa de ressignificação do estatuto profissional do professor.

Na visão de Tardif (2014, p. 234) “o trabalho dos professores deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício de professor”. Corrobora-se da ideia do autor no sentido em que é valorizado o trabalho desenvolvido pelos professores como primordial para a transformação dos educandos e conseqüentemente da sociedade em geral.

Atualmente, o que se percebe é que a escolha de uma profissão tem sido decidida por diversos motivos, não sendo levadas em consideração as verdadeiras habilidades da pessoa. Para Soares (2002), a profissão é parte intrínseca da vida das pessoas, sendo imprescindível para obtenção de recursos para à sua subsistência e de sua família.

3 METODOLOGIA/MATERIAIS E MÉTODOS

Com a intenção de registrar a história de vida dos sujeitos entrevistados, a história oral foi o método de pesquisa utilizado. De acordo com Alberti (1999), “sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento, sendo uma técnica metodológica focada na memória dos sujeitos da pesquisa, nas mais diversas circunstâncias de sua vida”.

Foi realizada uma pesquisa exploratória com aplicação de entrevista informal que, de acordo com Pádua (2016), possibilita ao pesquisador um conhecimento mais aprofundado da temática que se está investigando, fornecendo pistas para o encaminhamento da pesquisa. Ainda segundo a autora,

[...] a entrevista, como um dos procedimentos mais usados em pesquisa de campo, tem suas vantagens como meio de coleta de dados: possibilita que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente, pode ser utilizada em qualquer segmento da população (inclusive analfabetos) e se constitui como técnica muito eficiente para obtenção de dados referentes ao comportamento humano (PÁDUA, 2016, p. 75).

A pesquisa foi realizada com três professoras da educação básica que estão no início da sua trajetória profissional. As falas foram mantidas conforme as entrevistadas responderam com a finalidade de manter a autenticidade dos depoimentos. Antes da realização das entrevistas, foi assinado por elas um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que informava os objetivos da entrevista e demais informações a respeito da pesquisa.

Os resultados da pesquisa seguem a partir dos referenciais teóricos utilizados no desenrolar do artigo e da análise das falas das professoras escolhidas. As escolhas das entrevistadas foram guiadas pelo objetivo da pesquisa, pois conforme Alberti (1999), “é preciso escolher entrevistados dispostos a revelar sua experiência em um diálogo franco e aberto e que, de sua posição no grupo ou em relação ao tema pesquisado, sejam capazes de fornecer informações relevantes a respeito do universo estudado”.

4 SER PROFESSOR: UM CAMINHO EM CONSTRUÇÃO

Discutir a profissão docente na atual conjuntura social envolve repensar a concepção de que a função do professor se resume ao mero repasse de conteúdos programáticos do currículo e o envolvimento deles com as questões didáticas e pedagógicas de uma escola. Isso porque, de acordo com Cunha (2006), “o exercício da docência nunca é estático e permanente, é sempre processo, é mudança, é movimento, é arte; são novas caras, novas experiências, novo contexto, novo tempo, novo lugar, novas informações, novos sentimentos, novas interações”.

Outro fator que deve ser considerado é que seu objeto de trabalho é um ser humano multidimensional em pleno desenvolvimento de suas habilidades críticas e reflexivas em relação ao mundo ao seu redor. Entretanto, a escolha por essa profissão, tão dinâmica e cheia de possibilidades, nem sempre ocorre de forma optativa e voluntária como se pode constatar nas falas das entrevistadas quando as mesmas foram perguntadas sobre os motivos que as levaram escolher a profissão docente para a sua vida.

Não foi muito uma escolha minha. Eu queria fazer Psicologia, mas o dinheiro não dava. Foi a opção que dava pra mim fazer um curso superior e trabalhar, porque a princípio eu não pensava em atuar não. Era só para ter um curso superior mesmo. Aí a oportunidade de dar aula apareceu na minha porta, pois como meu tio é diretor da escola, ele perguntou se eu queria uma sala que estava sem professor. Aí eu fiquei um pouco balançada, porque onde eu estava eu trabalhava muito e eu pensei que sendo professora eu ia ter mais folgas, pelo menos nos meses de férias (T. A., professora, 2017).

(B. A.) de 23 anos é professora em uma escola particular há 2 anos e narrou como acabou se tornando uma professora de artes. Mesmo tendo vontade de fazer uma licenciatura, na sua cabeça nunca seria necessário entrar em uma sala de aula, pois esse não era necessariamente seu desejo profissional.

Quando eu fui me inscrever no SISU eu vi a vaga para o curso de Artes na UFT e aí eu tentei. Foi minha primeira opção, mas eu não estava preocupada se ia passar ou não. Todo mundo que entra no curso de Artes, ele tem outra visão por mais que o curso seja de licenciatura. Não necessariamente eu achava que ia para a sala de aula,

porque eu queria fazer teatro e não ser professora. No final das contas, a sala de aula foi uma necessidade, porque eu vim do Maranhão e precisava pagar as minhas contas, e foi a única coisa que eu encontrei para fazer foi ser estagiária antes mesmo de terminar o meu curso.

Sob essa ótica, a formação inicial é extremamente importante para que o professor se veja na condição de profissional sem nenhuma dúvida do seu ofício, de modo que o professor perceba que sua prática requer a compreensão de um fazer pedagógico que vá além da exclusiva replicação de conteúdos descontextualizados, possibilitando a construção de uma consciência que faça com que o sujeito possa intervir na sociedade com discernimento moral e ético diante da vida.

No entanto, o conhecimento adquirido durante esse processo muitas vezes não faz com que ele seja capaz de repassar para os seus alunos o que aprendeu, ou seja, colocar em prática a teoria experimentada por ele na graduação. Segundo Gatti e Barreto (2009), essa trajetória de formação do futuro professor,

[...] é definido como um movimento orientado a responder aos diversos desafios que se sucedem no que se poderia identificar como diferentes fases da vida profissional: o início da carreira, o processo de desenvolvimento e os tempos mais avançados em que o professor consolida sua experiência profissional.

Outro fato a ser considerado é o papel das instituições formativas na formação inicial do docente. Essas instituições durante muito tempo ficaram focadas nos interesses econômicos do mercado de trabalho voltado para a continuidade de uma sociedade baseada na competitividade e no lucro, deixando de lado a percepção de ser humano criativo e comprometido com o desenvolvimento social. Dessa forma, conforme Veiga; Viana (2012, p. 17, grifo das autoras), “a formação de professores se resumiu à transmissão rápida de conhecimentos, habilitação relâmpago de professores por meio do treinamento, do adestramento, dosando e quantificando o conhecimento até chegar à informação técnico-instrumental de um *que fazer* acrítico e alienado”.

É sabido que pouco foi alterado com a passar dos anos, principalmente no que refere ao papel exercido pelas instituições formativas em relação à aproximação do futuro docente com a realidade da sala de aula, o que pode ser constatado na narrativa das professoras quando questionadas sobre o papel da instituição de formação no exercício da sua profissão.

Na teoria foi bom. Na teoria eles ensinam bastante, mas pra mim eles deixam a desejar e tem também o estágio que deveria ser mais no início. Teria que ter mais estágio na sala de aula, pois é muito pouco. Na verdade, é muita teoria para pouca prática. A teoria está longe de ser igual à prática, pois na teoria tudo é fácil, já na prática, é outra coisa, porque como sempre tinha a professora que era a responsável da sala, e a responsabilidade não era minha, quando eu fui pra sala, parecia que eu nunca tinha pisado em uma sala de aula.

É fácil, pois, compreender que os desafios instaurados no seio da profissão docente são reflexos de um contexto histórico marcado por um sistema que não se preocupou em estabelecer diretrizes que fossem capazes de consolidar uma identidade profissional para os seus membros. E é sob esse prisma que emerge a necessidade de discutir a importância do início da carreira do professor uma vez que “a sociedade vem atribuindo responsabilidade crescente à educação escolarizada e aos professores de todos os níveis de ensino decorrente das mudanças no mundo do trabalho, da revolução mediática e da alteração da estrutura da organização familiar” (CUNHA, 1998, p. 129).

5 OS PRIMEIROS ANOS DE DOCÊNCIA: A VOZ QUE VEM DA SALA DE AULA

“Ser professor, ser professora é um privilégio. É cuidar da humanização e da dignidade das pessoas” (LIBÂNEO, 2001, p. 25). No entanto, o trabalho docente tem se tornado cada vez mais exaustivo e desafiador para os que já estão na sala de aula e menos atraente para as gerações futuras, haja vista a desvalorização social e econômica que envolve essa profissão. Ademais é um trabalho que tem acarretado cada vez mais problemas ligados à depressão, tornando-se de maneira geral um trabalho cansativo e desgastante devido às condições desfavoráveis, à ampliação das exigências, à diversificação do público e à formação inicial, entre outros aspectos (GUIMARÃES, 2009).

O professor em início de carreira hoje se vê com pouco ou sem nenhum acompanhamento em sua chegada à escola e mesmo assim lhe é exigido cada vez mais em seu trabalho. Essa falta de apoio por parte do sistema e dos colegas mais experientes faz com que o professor iniciante se sinta desamparado para enfrentar os novos desafios que são cruciais nesse período. Essa experiência inicial é indispensável para os professores, pois de acordo com Tardif (2002, p. 86), é a partir dessa prática que se “vai dando progressivamente aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, possibilitando assim a sua integração com o ambiente de trabalho, ou seja, a escola e a sala de aula”.

Nem as universidades e as escolas, nem os sistemas escolares estão atentos para os professores iniciantes numa desresponsabilização significativa do processo de construção da profissão docente (CUNHA, 1998), como se pode perceber nas narrativas das professoras entrevistadas.

Na minha cabeça os planos de aula foram os mais complicados na escola, porque temos que seguir um plano de ensino que não tem nos livros. Aí você tem que buscar em outras fontes, achar a metodologia que você vai usar sem nem saber que era o certo. E ainda tem o tempo, porque eu nunca eu sabia se aquele planejamento meu ia caber dentro do horário da aula. A escola tem uma coordenadora para ajudar, mas no meu caso não encontrei nenhum apoio não. (C. S., professora, 2017).

Contudo, a professora T.A. destacou que o apoio oferecido pela escola ao professor iniciante muda se for particular ou pública:

Na escola particular é diferente da escola pública. O apoio que encontramos é diferente de uma para outra. No particular, a minha coordenadora sempre me perguntava se eu estava precisando de alguma coisa, já na pública, acho que a coordenadora nem sabia que eu existia. De tudo, uma das maiores dificuldades é prender a atenção dos alunos, pois todos são diferentes uns dos outros. O importante é que a gente se encontre como pessoa, independente do curso que a pessoa tenha feito. Porque se ele não se encontrar como pessoa ele não vai ser feliz.

Vale destacar que um dos assuntos mais abordados pelas entrevistadas foi a insegurança frente aos alunos, pois ainda não se sentem confiantes quanto a sua capacidade pedagógica e metodológica, tampouco para enfrentar a rotina da sala de aula.

Primeira coisa assim é quando eu entrei na universidade. Eu sempre gostei muito de me comunicar e quando você está numa sala de aula com 40 alunos, você não sabe muito bem como agir. A maior dificuldade foi as crianças lá na hora mesmo em termos de disciplina. Eu não sabia o que fazer na hora. Aí com o tempo a gente vai entendendo cada um e o jeitinho deles. Às vezes eu ia dá uma atividade e não dava certo e com o tempo eu fui pegando o jeito de lidar com cada um, pois cada um tem um jeito (B. A., professora, 2017).

Outro ponto levantado com as entrevistadas foi como elas enfrentam os desafios que uma sociedade em crise gera e reflete em sua profissão, levando em consideração que vivemos tempos cada vez mais incertos e complexos.

Levando alegria e poesia, risos. Porque meus alunos sempre fazem a pergunta se eu sou sempre feliz assim. Eu pelo menos não levo meu problema para a sala de aula, eu não vou chegar contando meus problemas para eles pra eles se afetarem com isso. Não levo não. Eu sempre faço roda de conversa com eles, porque eu acho que assim podemos nos colocar todos como iguais e contar um pouco sobre nossas vidas e quebrar essas coisas horríveis que acontecem no nosso dia a dia. Os alunos precisam perceber que a gente se preocupa com eles, porque o professor é praticamente da família (T. A., professora, 2017).

Essa forma de encarar os problemas do dia a dia da sala de aula é apresentada por Libâneo (2001) como o nosso papel para a sociedade e para nós mesmos. Segundo o autor, “se o professor perder o significado do seu trabalho, ele perde a identidade da sua profissão e, perdendo isso, ele perde um pedaço importante da sua existência, que é o trabalho cotidiano e, mais que isso, a sua dignidade de pessoa”.

Dessa forma, exercer a docência implica o enfrentamento das dificuldades e dos dilemas. De acordo com a fala das professoras, manter-se consciente e atualizado pedagogicamente sobre o que está acontecendo no mundo ao seu redor também favorecem positivamente no enfrentamento diário das dificuldades que vão surgindo no dia a dia da escola.

Eu acho que o professor tem que ser criativo e está atento com a sua sala de aula, que aí ele muda a forma da atividade que dá pra todo mundo aprender e fazer e que a gente saiba que a criança vai aprender daquela forma. Todos os dias a gente tem que inventar coisas novas, porque se ficar na mesma coisa eles começam a bagunçar. Eu busco muito na internet e vou adaptando do jeito da turma (C. S., professora, 2017).

Esses enfrentamentos acontecem das mais diversas formas, mesmo estando os professores cheios de medo e receios e com sentimentos de desânimo e impotência diante dos dilemas, pois de acordo com Tardif (2002), “o professor, durante o exercício da sua profissão, sempre estará fazendo escolhas e gerenciando dilemas a todo momento e, por isso, pode-se dizer que tensões e dilemas, negociações e estratégias de interação são inerentes ao trabalho docente. Tais conflitos são mais intensos no início da profissão e podem se tornar menos expressivos de acordo com a passagem do tempo.

Na percepção das professoras entrevistadas, quando perguntadas sobre qual o perfil seria necessário para atuar nesse novo milênio, elas responderam que além de se manter atualizado, o professor também precisa estar em sintonia com seus alunos.

Para mim, o professor tem que primeiramente saber ouvir seu aluno, porque de uma forma ou de outra, eles sempre mostram o que querem realmente de você. E outra coisa, que um professor para essa nova geração precisa é ser constantemente atualizado, porque tudo muda muito rápido e na minha área então parece que é mais ainda (T. A., professora, 2017).

Desse modo, as declarações expressam uma inquietação, pois por mais que, de acordo com Savater (2012), essa é realmente uma profissão que está cheia de “quebras psicológicas, depressão e cansaço desalentado acompanhado pela sensação de sofrer abandono de uma sociedade exigente e desorientada”, essas professoras em início de carreira se preocupam em se manterem informadas com o objetivo de sempre oferecerem seu melhor para os alunos.

Por fim, foi questionado sobre a percepção delas em se sentirem preparadas ou não para romperem os desafios da carreira docente, tanto no início como no decorrer de todo seu percurso profissional visto que estamos diante de um mundo cada vez mais complexo e de uma sociedade que não acredita na valiosa tarefa exercida pelo professor: educar.

Hoje sim. Se fosse assim que eu entrei eu ia dizer que não. Depois de um ano na sala de aula eu posso dizer que sim. A gente vai aprendendo na prática. Eu tenho certeza que ainda vem muitos desafios, porque cada série é um desafio, e eu acho que cada escola também. Se mudar de escola, os desafios vão ser outros também. Às vezes eu falo que estou preparada, mas a gente ouve cada história que a gente fica pensando se tá mesmo (T. A., professora, 2017).

Todavia a professora B.A. salientou que ainda não tem plena convicção da sua preparação para a profissão docente, apesar de estar sempre buscando novas alternativas para que seu papel como professora seja exercido da melhor forma possível.

Todos os dias eu me pergunto se eu estou preparada e o que eu estou fazendo como professora. Os conteúdos que eu ministro não são nada que eu vi na minha licenciatura e eu tenho que estudar muito para dá alguma aula para eles. Não é tudo que eu sei e eu não tenho vergonha de dizer para eles que eu vou pesquisar e trazer na próxima aula. Todos os dias é uma preparação. É como eu digo para eles que eu mais aprendo do que ensino. Por isso que eu estou sempre atrás de me atualizar senão a gente acaba ficando burro mesmo (T. A., professora, 2017).

Já a professora C.S. enfatizou sua falta de preparo para o exercício da sua profissão mesmo já estando a mais de um ano na sala de aula, e ressalta a ineficiência dos estágios curriculares para a formação de professores.

Ainda não me sinto preparada de jeito nenhum. Não para os grandes. Eu preciso de mais experiência com os pequenos. Na minha opinião eu precisava de muito mais estágio para eu ter experiência da sala de aula. A sala de aula é um grande desafio para o professor que é iniciante, porque senão os alunos deitam e rolam em cima do professor. (C. S. professora, 2017).

Dessa forma, ficou evidente que, por mais que as entrevistadas se esforcem para encarar os desafios e dilemas existentes no início da carreira docente, essa ainda é uma fase que se apresenta de forma complexa e perturbadora, necessitando de ajustamentos e adaptações no seu desenrolar, pois, conforme Tardif (2002), essa fase remete ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e aos desencantos com os primeiros anos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente do trabalho.

A partir das constatações realizadas na pesquisa, fica perceptível que a fase que compreende o início da profissão docente é delineada por uma série de fatores que exercem influência sobre a identidade profissional que está sendo construída no cotidiano da sala de aula, na troca de experiência com outros professores e com todos os elementos presentes nesse processo, além de ser um período marcado por muitos aprendizados que proporcionam ao professor as condições necessárias para que ele persista na profissão docente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da carreira docente é carregado por muitos desafios e dilemas que interferem diretamente no estabelecimento da sua profissão e de como será moldada a identidade profissional. Através da observação dos dados, pôde-se perceber que esse realmente é um período difícil para os

novatos no ofício, principalmente pela falta de apoio oferecido pelas instituições de ensino onde trabalham e pelo preparo insuficiente que receberam em sua formação inicial.

Outro fator que deve ser levado em consideração a partir da análise das narrativas é o conflito com a realidade que eles encontram no dia a dia da sala de aula, momento em que suas expectativas são frustradas pelas condições de trabalho e pela falta de preparo do professor em desenvolver um fazer pedagógico significativo, fazendo com que muitas vezes o professor desista da profissão docente já no início da sua vida profissional.

As vozes demonstraram que mesmo que o caminho percorrido por elas esteja repleto de obstáculos e contratempos, seus esforços e dedicação em se manterem atualizadas e buscando serem professoras melhores revelam sua preocupação com o papel que o professor desempenha dentro e fora da sala de aula, sempre em busca de impulsionar seus alunos na direção de uma construção de um conhecimento crítico, reflexivo e autônomo e assim contribuir para a evolução da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 12.

CARNEIRO, José. **A história oral como instrumento no desenvolvimento e elaboração da pesquisa**. Disponível em www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/download/668/441+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em 06 de abril de 2018.

CUNHA, Maria Isabel da. **A Universidade: desafios políticos e epistemológicos**. In: CUNHA, Maria Isabel (Org.). *Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais*. Araraquara: Junquiera&Marian, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. **Lugares de Formação: Tensões entre a Academia e o Trabalho Docente**. In: DABLEN, A.; DINIZ, J.; LEAL, L.; SANTOS, L. (org.). *Convergências e tensões no campo e do trabalho docente Didática, Formação de Professores, Trabalho Docente*. BH: Autêntica, 2010. p.129-149.

DAVENPORT, T. H & PRUSAK, L. *Conhecimento Empresarial*. São Paulo: Publifolha, 1999.

GATTI, Bernadete Angelina e BARRETO, Elba Siqueira de Sá (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR Disponível em http://www.educaremvista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf. Acesso em 06 de abril de 2018.

MORAES, Maria Cândida. **Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar**. In: *O pensar complexo da educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade*/Maria Cândida Moraes, João Henrique Suanno. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 18ª ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2016. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

PIMENTA, S. Garrido. GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor Reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. **Docência no ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SAVATER, Fernando, 1947 - **O valor de educar** / Fernando Savater; tradução Monica Sthael. – 2 Ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SOARES, D.H.P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus- Editorial, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.